



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE PORTO NACIONAL TO
CURSO DE LETRAS

SAULO ARAUJO DE MENEZES

**A VARIAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL DA FOLIA NA COMUNIDADE
CANGAS – TO**

Porto Nacional/TO

2021

SAULO ARAUJO DE MENEZES

**A VARIAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL DA FOLIA NA
COMUNIDADE CANGAS – TO**

O artigo foi avaliado e apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional, Curso de Letras para obtenção do título de licenciado e aprovado em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Dr^a. Greize Alves da Silva

Porto Nacional/TO

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- M543v Menezes, Saulo Araujo de.
A variação semântico-lexical da folia na comunidade Cangas – TO. / Saulo Araujo de Menezes. – Porto Nacional, TO, 2021.
31 f.
Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas, 2021.
Orientadora : Greize Alves da Silva
1. Variação semântico-lexical. 2. Léxico quilombola. 3. Folia. 4. Musicalidade. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

SAULO ARAUJO DE MENEZES

A VARIAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL DA FOLIA NA COMUNIDADE CANGAS – TO

O artigo foi avaliado e apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional, Curso de Letras para obtenção do título de licenciado e aprovado em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 09 /12/ 2021

Banca Examinadora

Prof. Dr^a. Greize Alves da Silva, UFT

Prof. Dr^a. Ângela Francine Fuza, UFT

Prof. Dr^a. Neila Nunes de Sousa, UFT

Porto Nacional - TO

2021.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus e à Nossa Senhora Aparecida, pois acredito que sem a presença deles em minha vida, este trabalho não seria possível; muito obrigado por me ajudar a vencer essa etapa.

À minha família, meus pais Diva e Lucas, meus irmãos Alice, Mayara, Walisson, Lázaro, Amilton; meu filho de consideração Davi. Em especial, agradeço minha irmã, Dr^a. Alice, que é minha referência para ser alguém melhor na vida, que mostrou que não importa de onde viemos, através do estudo chegamos aonde quisermos.

À minha amiga, namorada, esposa, parceira na música, em tudo: Raquel de Fátima, obrigado por fazer parte da minha história, obrigado por me presentear com a pessoa que mudou minha vida para sempre, nosso filho Carlos Zenon, que mostrou um mundo novo, um amor que jamais pensei em ter por alguém. Obrigado por me apoiar nos momentos difíceis e também nos bons, por aguentar meus surtos nos dias em que pensei em desistir, você sempre demonstrava que iria dar certo. Obrigado pelos cafés, lanches, abraços e a frase: “vai dar tudo certo”. Não posso deixar de agradecer meus sogros, Salomão e Lucirene, por cuidar tão bem do nosso filho enquanto eu estava escrevendo e pelo apoio nos estudos.

À minha orientadora, Greize Alves da Silva, por aceitar fazer parte deste trabalho, sua orientação foi fundamental para que eu pudesse concluir essa etapa. Com áudios de 10 minutos, não se importou com os dias que estava de folga, sempre atenta e com sábias palavras, às vezes tinha medo de ouvir os áudios que me enviava. Em um desses áudios uma frase me marcou: “olha. isso é tudo e, ao mesmo tempo, nada” . Obrigado por fazer parte da minha formação acadêmica.

Ao meu amigo Weverson Cardoso de Jesus, por me ajudar com as dificuldades da escrita, por compartilhar o seu conhecimento; muito obrigado irmão.

Aos professores da Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário de Porto Nacional, agradeço pelo ensino, pela partilha de saberes, vocês foram de grande importância na minha busca de identidade como educador.

Por fim, agradeço a todos por acreditarem no meu potencial, nas minhas ideias e nos meus devaneios, principalmente quando nem eu mais acreditava. GRATIDÃO a vocês, meu muito obrigado.

RESUMO

Ao analisarmos as nuances de um falar tido como regional, notamos que em meio à luta para manter viva a tradição de uma comunidade, é cada vez mais evidente que as novas gerações estão deixando de utilizar ou desconhecem a terminologia específica de uma atividade importante para sua comunidade, sobretudo quando essa comunidade é remanescente quilombola. Diante dessa importância, o respectivo trabalho discorre sobre o universo lexical utilizado na região quilombola de Cangas, Tocantins, especificamente o vocabulário relacionado à Folia, festejo ligado à Igreja Católica, de origem portuguesa foram utilizados como suporte teórico para fundamentação acerca das folias autores que realizaram pesquisas voltadas para demonstrar o valor cultural e social que a festividade possui. Assim, o objetivo geral deste trabalho foi o de coletar e analisar termos específicos utilizados no universo da Folia da comunidade quilombola de Cangas. Para isso. Nos valem de Questionário semiestruturado contendo 10 perguntas que foram aplicadas a cinco foliões da comunidade em questão. Os áudios foram transcritos e analisados de acordo com os preceitos da Dialetoologia e também de acordo com outros trabalhos que já se debruçaram sobre a temática.

Palavras-chaves: Variação semântico-lexical. Léxico quilombola. Folia. Musicalidade.

ABSTRACT

The text discusses lexical studies and regional semantic-lexical variations in the quilombola region of Cangas-TO. The authors Câmara Cascudo and Noeci Carvalho Messias, who carried out research aimed at demonstrating the cultural and social value that the folia has, were used as theoretical support to substantiate the folia. From the revelry, we present the variations of words that are used in social life, with the main objective of identifying through orality the words that local residents and revelers do not use frequently, using questionnaires in order to understand the process of changes in regional lexicons. When analyzing the change in regional language in the midst of the struggle to keep the community's tradition alive, it is highlighted that the songs (that cross generations) are loaded with words that new generations are not using or are unaware of, since schooling and standardization of knowledge made the children adapt to the training they received, which leads to the disuse of regional lexicons by the new generation of the quilombo, which ends up not using it in the social environment so as not to suffer linguistic prejudice. One of the ways to maintain the use of regional words is through traditional musicality, since the revelry makes people end up using them in festive moments or when organizing festivities, showing the strong African cultural tradition in musicality, in the words of African origins and customs that are part of the history of this social group.

Key-words: lexical-semantic; quilombola. revelry. musicality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Pessoa “beijando” a bandeira	21
Figura 02: Chengo ou chechengo	24
Figura 03: Folias de Cangas em Natividade	25
Figura 04 e 05: Caixa de folia e caixeiro	27
Figura 06: Dançarinos de sussa	28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2. A IMPORTÂNCIA DA DIALETOLOGIA NO CONTEXTO DA COMUNIDADE DE CANGAS	12
2.1 Comunidade de Cangas	15
2.2 A Folia do Divino Espírito Santo e as tradições culturais/religiosas na localidade	16
3 METODOLOGIA	19
4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	21
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30

1 INTRODUÇÃO

O léxico de uma língua é entendido como o repertório vocabular adquirido ao longo da história e, sendo assim, está em constante modificação, isso nos mostra a importância de estudar a evolução do falar, cujos valores culturais e sociais são sempre agregados. Nesse viés, a utilização de determinadas palavras funciona como uma marca identitária de uma coletividade que dela faz uso.

As variações e as mudanças linguísticas são inerentes às línguas, no entanto, em comunidades quilombolas, a exemplo de Cangas, esse processo acarreta, por vezes, a perda dos valores culturais que fazem parte do contexto histórico da constituição das comunidades tradicionais de matrizes africanas.

Com a escolarização de crianças e de jovens da comunidade Cangas, assim como de outras comunidades quilombolas, e a padronização de saberes, a comunidade acaba por perder sua forma de falar, os termos e expressões, traços muitas vezes característicos de sua identidade. Como os que fundaram a comunidade não tiveram contato com a escola, eles acabavam sofrendo para se adequar à padronização da língua para que seus filhos não sofressem preconceito dos próprios educadores que não eram da região. Essas constatações foram também as motivadoras para o desenvolvimento da pesquisa, justificativas que demonstram a necessidade de valorizar a cultura e o saber local.

Para a comunidade, a folia possui grande importância, já que é um momento de reunião da comunidade em torno das festividades em honra ao Divino Espírito Santo. A folia, como será apresentado no decorrer do trabalho, simboliza a passagem da divindade nas residências, por isso a importância da acolhida da bandeira e a reverência a ela. É no interior da folias que a pesquisa é desenvolvida, com foco nas variantes lexicais utilizadas pelos foliões.

Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo apresentar as variações linguísticas ocorridas na comunidade de Cangas, apresentar alguns termos utilizados pelos moradores locais e seus significados, apresentar a folia e a importância que ela apresenta para essa comunidade; apontar os valores culturais que a folia representa para a nossa população, pois ela tem uma contribuição forte de manter as tradições e levar a crença, além de possuir uma variedade de palavras presentes nas cantigas tradicionais e nas festividades religiosas que ocorrem em torno das folias.

A metodologia utilizada na pesquisa foi a de abordagem qualitativa, com aplicação de questionário, realizado por meio do *whatsapp*, com autorização de uso de imagem e informações cedidas pelos informantes. A fim de identificar através da oralidade as possíveis variantes lexicais

apresentadas, o *corpus* do trabalho foi constituído por meio da aplicação de 10 questões, a fim de abordar os léxicos no povoado de Cangas, distrito de Santa Rosa. Foram entrevistadas 5 (cinco) pessoas das faixas etárias entre 50 e 90 anos, do sexo masculino, pois os foliões da região são todos homens, de baixa escolaridade, residentes tanto nas zonas rural quanto urbana no quilombo no povoado de Cangas.

2. A IMPORTÂNCIA DA DIALETOLOGIA NO CONTEXTO DA COMUNIDADE DE CANGAS

E acho que estudar o espírito e o mecanismo de outras línguas ajuda muito à compreensão mais profunda do idioma nacional. Principalmente, porém, estudando-se por divertimento, gosto e distração." (Guimarães Rosa).

Segundo o Dicionário de Linguística de Dubois (2004), o termo *Dialetologia* nomeia a disciplina que assume a tarefa de descrever comparativamente as diferenças dialetais, uma vez que a língua se diversifica no tempo e no espaço. Para Cardoso, a dialetologia analisa as variações em âmbito regional, isto é, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica (CARDOSO, 2010, p. 15).

Nas primeiras décadas do século XIX tiveram início os estudos dialetológicos propriamente ditos e as análises dialetais ocorriam por meio do estudo sistemático das variações, com ênfase de natureza geográfica, época em que emergiram pesquisas no campo da linguagem acordo com o método histórico-comparativo.

Para Brandão (1991), o interesse pelos estudos dialetais visava em seus primórdios basicamente reconstruir a protolíngua do indo-europeu, surgindo como uma forma de se conhecer a maneira como as transformações ocorriam nas línguas. Ainda que os estudos dialetais estivessem presentes desde as primeiras incursões sobre a linguagem, é no final do século XIX que esses estudos tomam impulso, com trabalhos mais sistemáticos acerca da variação espacial, através de uma metodologia própria.

No final do século XIX, dois fatos contribuíram para incentivar os estudos dialetais: a) o interesse dos neogramáticos, a partir de falas locais, de confirmar a teoria de que as alterações fonéticas obedeciam a leis rígidas; b) a conferência de Gaston Paris, intitulada *Os falares da França*, a qual se acentuou a necessidade de se estudarem os *patois* franceses com o rigor exigido pelas ciências naturais e obedecendo a uma metodologia definida.

Os primeiros trabalhos de cunho dialetal iniciaram em âmbito brasileiro a partir do século XIX, especificamente a partir de 1826 e segundo Cardoso (1994), baseado em Nascentes (1952, 1953), a Dialetologia no Brasil pode ser periodizada em algumas fases.

A primeira fase envolve o período de 1826 a 1920, conforme pontua Nascimento (2016, p. 16). Nesse período foram realizados estudos sobre o léxico do português com sua variante brasileira, onde foram produzidos trabalhos estruturados com cunho lexicográfico, como glossários,

dicionários e léxicos regionais. Ressaltamos na primeira fase a publicação da obra “*O idioma hodierno de Portugal comparado com o do Brasil*”, de José Jorge da Silva.

A segunda fase abrange o período de 1920 a 1952, período de sistematização e desenvolvimento da Geolinguística no território nacional e “É marcada pela produção de trabalhos voltados para a observação de uma área determinada, buscando descrever os fenômenos que a caracterizam não só do ponto de vista semântico-lexical, mas também fonético-fonológico e morfossintático” (CARDOSO, 1999, p. 235). A publicação da obra *O dialeto caipira*, escrita por Amadeu Amaral, marca o início da segunda fase dos estudos dialetais, ao propor o estudo de falares a partir de regiões específicas, no caso, localidades interioranas de São Paulo, com foco nos estudos fonéticos-fonológicos e morfossintáticos, conforme assegura Nascimento (2016, p. 17).

A terceira fase, com início a partir de 1952, é caracterizada pela sistematização dos estudos de base geolinguística e a produção de atlas linguísticos estaduais. De acordo com Nascimento (2016, p. 17), o marco do período demonstra a preocupação do Ministério da Educação com a implementação de medidas que viabilizem a elaboração de atlas linguísticos nacionais, com a publicação do Decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952, confiando à Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa a elaboração do atlas linguísticos do Brasil. Essas medidas e produções representam avanços nos estudos dialetais, fruto de estudos e embasamentos presentes nas fases anteriores.

Ao abordarmos as diversas fases que os estudos dialetais encontraram espaços na trajetória nacional, percebemos a abertura para a análise das especificidades regionais e culturais, o que demonstra que o português falado no Brasil reflete a trajetória histórica e a formação cultural de cada região, conforme pontua Brandão:

O Brasil, em decorrência do processo de povoamento e colonização a que foi submetido, bem como das condições em que se deu sua independência política e seu posterior desenvolvimento, apresenta grandes contrastes regionais e sociais, estes últimos perceptíveis mesmo em grandes centros urbanos, em cuja periferia se concentram comunidades mantidas à margem do processo. (BRANDÃO, 1991, p. 16-17).

As observações propostas por Brandão são relevantes, uma vez que desvelam os contrastes regionais e sociais presentes no Brasil, fruto de sua trajetória diversificada, experiências específicas (escravidão, imigração, por exemplo) e que refletem na formação da linguagem própria de regiões ocupadas por esses grupos sociais ou seus descendentes, como é o caso da Comunidade de Cangas, no Estado do Tocantins.

Por ser um país diverso e com grande extensão territorial, o Brasil possui matrizes culturais, vários povos indígenas, formas distintas de organização social, o que confere o caráter multicultural do país. Com base no Decreto 6040, os povos e comunidades tradicionais são definidos como:

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos por tradição. (BRASIL, 2007).

Desse modo, são diversos os povos que se enquadram nesse contexto, como os indígenas, quilombolas, quebradeiras de coco, artesãos, ribeirinhos, caiçaras, pantaneiros, dentre outros. Especificamente, os povos de Comunidades Tradicionais ocupam ¼ do território nacional, conforme apontam dados da Secretaria de Justiça do Paraná¹. Muitos desses povos não possuem as terras legalizadas, sofrem embates políticos e econômicos acerca de sua territorialidade.

Neste trabalho, faremos uso do conceito de quilombos, pela trajetória da comunidade em análise: Cangas. Segundo Castanhede Filho (2006), o conceito de quilombo tem sido objeto de frequente discussão e busca um novo modelo diante das situações sociais em que os negros de diversas comunidades estão passando por amparo legal ocorrido a partir de 1988, com a promulgação da Constituição Federal.

Ao longo da experiência escravista, ocorreram diversas formas de resistência à dominação colonial, como fugas, rebeliões, assassinatos de senhores e feitores, bem como a formação de locais onde se abrigavam os negros fugidos. De acordo com a SEPPIR - Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, entende-se como remanescente de quilombolas:

[...] indivíduos, agrupados em maior ou menor número, que pertencem ou pertenciam a comunidades, que, portanto, viveram, vivem ou pretendem ter vivido ou viver na condição de integrantes delas como repositório das suas tradições, cultura, língua e valores, historicamente relacionados ou culturalmente ligados ao fenômeno sociocultural quilombola (BRASIL, 2005).

É esse o público presente na região em análise, possuidores de valores, costumes, crenças, modos de fala próprios da região, construídos a partir da trajetória de resistência diante da dominação colonizadora, com a cultura marcada pela herança africana herdada dos antepassados e transmitida pela oralidade ao longo dos tempos.

Ressaltamos que o Tocantins, embora seja um estado relativamente novo, possui uma trajetória histórica bastante extensa. Foi palco das missões jesuíticas, vivenciou a experiência da

¹ Disponível em: <https://www.justica.pr.gov.br/Pagina/Povos-e-Comunidades-Tradicionais> Acesso em 16 jul. 2021.

escravidão indígena e africana, a experiência da exploração pelos bandeirantes, das minas de ouro presentes em vários arraiais que iam surgindo ao longo da trajetória colonial, conforme pontua Palacin (1989). É nesse contexto que foram surgindo diversas comunidades quilombolas. Atualmente, o Tocantins conta com 38 comunidades quilombolas reconhecidas pela Fundação Palmares, conforme consta no portal eletrônico da referida autarquia.² O reconhecimento é importante para assegurar a posse do local, a continuidade das práticas culturais, o acesso às políticas públicas e benefícios governamentais. Desse modo,

Estas comunidades são detentoras de características culturais peculiares que as distinguem umas das outras e de toda a sociedade circundante, apresentando semelhanças no que diz respeito ao uso e ligação com a terra onde estão localizadas, pois esta é usada para manutenção na produção de alimentos necessários a sustentabilidade da comunidade e é o local onde os seus antepassados estão enterrados, estabelecendo assim o sentimento de pertencimento a terra, onde as raízes culturais estão fincadas, resistindo às ações do homem e do tempo. (TOCANTINS, 2021).

Conforme a Agência de Desenvolvimento do Turismo, Cultura e Economia Criativa do Estado do Tocantins, é importante ressaltar o caráter de pertencimento por parte dos membros das comunidades, por compartilharem de uma trajetória, práticas culturais, modos de vida, que conferem ao local em que residem o solo sobre o qual estão fincadas as suas raízes, suas origens.

2.1 Comunidade de Cangas

O distrito de Cangas, distante aproximadamente 30 quilômetros da cidade de Santa Rosa do Tocantins, surgiu por volta de 1884 e seus primeiros habitantes foram Luiz Pinto de Cerqueira e Francisca da Costa Leite. Posteriormente, a comunidade cresceu a partir dos descendentes do casal, conforme aponta Ferreira (2004, p. 30).

O território recebe o nome de Cangas em decorrência do córrego presente na localidade, sendo ainda uma continuidade da nomenclatura da Fazenda Cangas, local onde o casal Luiz Pinto de Cerqueira e Francisca da Costa Leite habitaram e deixaram o terreno como herança para os seus descendentes, de acordo com Ferreira (2004, p. 31). Com o aumento do número de moradores, a fazenda tornou-se um povoado, com instalação de escola, capela, bem como a presença dos festejos em honra ao Divino Espírito Santo e São Sebastião.

² Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/sites/mapa/crqs-estados/crqs-to-15062021.pdf> Acesso em 27 jul. 2021.

Ferreira (2004, p. 32) registra que a primeira escola estadual na localidade foi edificada em 1958 pelo então governador de Goiás - José Ludovico de Almeida; já a primeira capela de Cangas foi construída em 1975, com o apoio do Dr. Juvenal Vieira da Costa, Juiz de Direito da Comarca de Natividade. O favorecimento econômico para a construção da capela deu-se pelo fato de o referido juiz ser proprietário da Fazenda Betânia, situada nos arredores do povoado de Cangas. Instalada a capela, ocorreram os festejos em comemoração ao Divino Espírito Santo.

A elevação do povoado à categoria de distrito ocorreu em 12 de novembro de 1993, com a criação da Lei Municipal 056/93, que colocou o distrito sob a jurisdição de Santa Rosa, conforme Ferreira (2004, p. 30). Atualmente, residem na comunidade em torno de 800 pessoas.

2.2 A Folia do Divino Espírito Santo e as tradições culturais/religiosas na localidade

A Folia está diretamente ligada à Festa do Divino Espírito Santo, embora ocorram Folias para outras ocasiões festivas ligadas à Igreja Católica, como Nossa Senhora do Rosário, do Livramento, São Sebastião, Santos Reis, entre outros. É uma festa de origem portuguesa que entrou no Brasil no contexto da colonização e que ocorre em diversas localidades do Tocantins, Goiás, Minas Gerais, entre outros estados, com diversificação na forma de celebrar, conforme pontua Jesus (2017, p. 57).

A Festa do Espírito Santo é celebrada no dia de Pentecostes, de acordo com Jesus (2017, p. 58) e possui caráter móvel, de acordo com o calendário litúrgico de cada ano. É a partir da festa de Pentecostes³ que as folias giram por aproximadamente 40 dias nas zonas urbana e rural, levando a Bandeira do Divino, os cânticos religiosos, catiras, etc. O festejo religioso é realizado todos os anos e os acontecimentos do dia 01 agosto tem início com uma cavalgada que envolve as principais fazendas da região que criam comitivas e participam com suas montarias bem arreadas; e seguem em grupos até o centro do distrito.

Estudos acerca das folias têm sido feito em diversas áreas do conhecimento, assim como a tentativa de relatar como essas práticas encontraram espaço no Brasil. Segundo Luís da Câmara Cascudo, a folia era em Portugal uma dança rápida, ao som de pandeiro ou adufe, acompanhada de cantos, podendo ser ainda sinônimo de baile. No entanto, a prática ganhou características próprias de acordo com épocas: “É um grupo de homens usando símbolos devocionais, acompanhando com

³ Pentecostes é a festa celebrada na Igreja Católica que ocorre cinquenta dias após a celebração da Páscoa.

cantos o ciclo do Divino Espírito Santo, festejando-lhe a véspera e participando do dia votivo”, (CASCUDO, 1988, p. 335).

As análises do autor apontam que em Portugal a folia era uma espécie de confraria, criada com a finalidade de implorar a proteção divina contra pragas e infestações nos campos, com cânticos improvisados ou decorados, com benditos, louvações. Já no Brasil, as folias possuem o aspecto precatório, com arrecadação de esmolas, alimentos, prendas que serão utilizadas ao longo da festa do santo festejado.

Nas descrições de Cascudo (1988), em Portugal a folia inclui um cortejo, representado pelo rei, alferes da bandeira, mordomos que conduziam as luminárias, com fidalgos divididos em dois grupos de canto, que por sua vez são acompanhados pelo tambor e outros instrumentos. Ainda de acordo com Cascudo, há expressiva documentação sobre a popularidade da folia em Portugal das primeiras décadas do séc. XVI em Gil Vicente.

Com a experiência da colonização portuguesa, a prática de folias foi disseminada pelas regiões conquistadas, incluindo o Brasil. As pontuações de Martha Abreu (1999) são relevantes para entender as ressignificações e a construção da Festa do Divino ao longo do período colonial e imperial. Abreu aponta que no século XVIII há registros de imperadores na festa do Divino no Rio de Janeiro, (ABREU, 1999, p. 62-63).

A folia percorre as ruas das cidades, algumas folias possuem o caráter mais rural, percorrendo as zonas rurais e levando a divindade para os moradores. Desde a chegada da folia no local onde permanecerá durante noite para o descanso (pouso da folia), até a sua saída, há vários momentos de benditos, cânticos para agradecer (pouso, refeição, donos das casas), para abençoar (curral, plantação, residência), e cardápio variado.

Em relação ao período em que ocorre a saída das folias, varia de cada região ou divindade cultuada, assim como pode ser mudada a quantidade de dias que a folia gira. Em casos específicos, a Folia do Divino percorre em procissão entre a Ressurreição, abril, e Pentecostes, junho. No domingo de Pentecostes, os foliões desfilam, a bandeira é introduzida na igreja acompanhada pelo cortejo do rei ou imperador da festa.

Os foliões são os mensageiros do sertão, como pontua Noeci Carvalho de Messias (2010, p.111). Para a autora, que analisou as folias em Monte do Carmo e Natividade, Tocantins, as folias representam ainda uma estratégia da Igreja para manter contato com os habitantes da zona rural, uma oportunidade para arrecadar fundos e donativos para a realização da festa. De acordo com Nazareth Gomes Alves (2009, p.71 *apud* MARÇAL et al., 2011) os foliões são:

[...] homens tementes a Deus. São altamente considerados pelas autoridades da comunidade. Os foliões, em estado de graça, tocam seus instrumentos, cantam, dançam na maior felicidade! Esses mesmos homens carregam nos ombros e nos corações a maior parte de nossa tradição e devoção, levando aos lares sertanejos a alegria e a congregação espiritual e tradicional.

Por representarem os discípulos, os foliões giram em grupos de 12 ou mais pessoas, tendo à frente os alferes (pessoa que carrega a bandeira). Em cada localidade percorrida, as pessoas se reúnem em torno da Folia para pagar promessas, pedir ou agradecer bênçãos, reunirem-se em comunidade.

São diversos momentos festivos que ocorrem no interior das folias, desde o canto de agasalho, agradecer a mesa, bênção no curral, canto para o Cruzeiro⁴, canto de encontro das folias, de agradecimento ao Imperador e à Imperatriz; enfim, diversos momentos que demonstram a capacidade que a festividades possuem de quebrar a rotina e fazer com que as pessoas se unam em torno de algo que possuem em comum: a fé.

Nas folias, as figuras centrais são os foliões, uma vez que deixam seus afazeres, compõem cânticos, memorizam letras e transmitem por meio da musicalidade a mensagem desejada. Os Imperadores e as Imperatrizes são os responsáveis pela manutenção da festa, dos foliões, da estrutura necessária para o bom andamento das folias. Já o Capitão e a Rainha do Mastro são os responsáveis pela organização da levatada do Mastro, evento que ocorre antes da coroação do Imperador e da Imperatriz do Divino. No decorrer do giro das folias, diversas funções são feitas: arrieiros são os responsáveis pelos animais, selar os cavalos, descer as tralhas; caixeiro é o encarregado pela caixa, instrumento musical que precede os foliões e anuncia a chegada das folias, o despertar, a saída da folia.

Diante do exposto e tendo em vista nosso objeto de estudo, ao analisar as entrevistas, percebemos a importância que as folias possuem, seja pelo caráter de reunir a comunidade em torno das festividades envolvidas no interior do giro, de manter as tradições recebidas dos antepassados, momento de diálogo e troca de experiências, rememorar eventos e histórias locais, momento de pagamento de promessas e devoções. No que diz respeito ao trabalho desenvolvido, as folias configuram ainda como uma possibilidade de aprendizado, de transmissão de saberes, de conhecimentos regionais.

⁴ Cruzeiro refere-se à cruz presente na parte frontal das igrejas ou capelas.

3 METODOLOGIA

Como metodologias adotadas, foram realizadas leituras de obras e artigos relacionados à temática abordada, a fim de compor o corpo documental de referencial teórico do trabalho. Foram realizadas visitas à comunidade para coleta de informações e dados.

Com a situação pandêmica que surgiu a partir de 2021, houve a necessidade de alterar o modo de coleta de informações; para isso, fizemos uso de entrevistas semiestruturadas, com questões aplicadas a todos os entrevistados. E devido à dificuldade de acesso e manuseio de complementos disponíveis na internet, optamos por realizar as entrevistas por meio da ferramenta *whatsapp*, já que muitos dos entrevistados tinham mais habilidade no envio de áudios.

Desse modo, foi adotada como metodologia utilizada na pesquisa a abordagem qualitativa, com aplicação de Questionário, realizado por meio do *whatsapp*, com autorização de uso das informações cedidas pelos informantes. A fim de identificar através da oralidade as possíveis variantes lexicais apresentadas, o *corpus* do trabalho foi constituído por meio da aplicação de 10 questões, a fim de abordar os usos lexicais no povoado de Cangas, distrito de Santa Rosa. x

Foram entrevistadas 5 (cinco) pessoas das faixas etárias entre 50 e 90 anos, do sexo masculino, pois os foliões da região são todos homens, de baixa escolaridade, residentes tanto nas zonas rural quanto urbana no quilombo no povoado de Cangas. O critério de seleção deu-se pela experiência com a folia, bem como pela disponibilidade de fornecer as informações.

Abaixo, segue o quadro com os principais dados dos entrevistados. Optamos por utilizar as iniciais dos nomes dos entrevistados que cederam informações, a fim de preservar suas identidades e manter a lisura da integridade dos dados coletados.

QUADRO 1
PERFIL DOS ENTREVISTADOS SOBRE A FOLIA

Nome	Idade	Profissão	Papel desempenhado na folia	Data da entrevista
A. C. A.	94 anos	Lavrador	Folião	20 ago. 2021
A. F. M.	61 anos	Lavrador	Folião	20 ago. 2021
J. B.	60 anos	Pedreiro	Folião	18 ago. 2021

J. J. A.	66 anos	Encarregado de Campo	Folião	20 ago. 2021
V. M. S	65 anos	Lavrador	Folião	20 ago. 2021

Fonte: Saulo Araujo de Menezes (Pesquisa de campo 2021)

4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

As questões levantadas são detalhadas abaixo, assim como os termos e significados de expressões utilizadas na localidade.

O que a folia representa para você?

A Folia é uma prática difundida em várias regiões e, de acordo com os entrevistados, ela tem um caráter religioso muito forte. Segundo V.M,S.⁵, “a folia é uma tradição véa que Deus já deixou pá todo mundo e colher as coisas pro Imperador”. A fala do depoente reforça o caráter histórico das folias, discutidas por Câmara Cascudo (1988, p. 402), cujas pessoas que recebem a bandeira costumam contribuir com algo para ajudar nos custos das festividades.

Por outro lado, ao ser questionado sobre a representação da folia, o entrevistado A. F. M.⁶ respondeu que a folia é um ato de fé religioso. J.B⁷ afirmou que “é símbolo de muita alegria, que é o Espírito Santo que carrega os sete dons do Espírito Santo, de muito respeito que eu tenho pela Santíssima Trindade. Ao ser questionado, J.J.A. afirmou que “a grande importância que vem dos meus avós, da minha mãe que ensinou nois cantar, eu sou muito grato de ser um apóstolo de Cristo, para levar a mensagem de Cristo aos moradores das regiões onde passa”.

A.C.A.⁸ reforçou que “os mensageiros de Jesus que levam a Palavra para o que mora no sertão, isso é muito importante para todo mundo”.

As falas dos informantes apontam para o caráter religioso e tradicional que envolve a Folia, assim como o reconhecimento sobre o papel desempenhado pelos membros da coletividade, como mensageiros do sertão, no sentido de apostolado. No decorrer da entrevista e das falas, é possível identificar a alegria e honra de participarem das folias, o sentimento de pertencimento e de serem escolhidos por Deus para desempenhar esse papel.

A imagem abaixo, mostra o momento do “beijo da bandeira”, momento em que os fiéis ajoelham embaixo da bandeira e beijam as fitas presas a ela. A imagem traz ainda a presença do *caixeiro* (reuni os foliões ao som da caixa), acompanhando o momento de devoção.

⁵ V. M. S., 65 anos, lavrador, morador e folião da Comunidade de Cangas. Entrevista realizada em 20 ago. 2021.

⁶ A. F. M., 61 anos, lavrador, folião. Entrevista realizada em 20 ago. 2021.

⁷ J. B. 60 anos, pedreiro, folião. Entrevista em: 18 de agosto de 2021.

⁸ A.C.A., 94 anos, lavrador, folião. Entrevista realizada em: 20 de agosto de 2021

Figura 1 - Pessoa “beijando” a bandeira. Prefeitura de Porto Nacional.



Fonte: Prefeitura de Porto Nacional, 2021.

Como é chamada a pessoa que carrega a bandeira na comunidade?

A bandeira constitui o elemento mais sagrado dentro das folias, conforme pontua Jesus (2017, p. 63), uma vez que representa a presença do Espírito Santo na comunidade, suas fitas representam os dons. É conduzida por uma pessoa que tem como função o cuidado, o zelo pela sacralidade que a bandeira representa. No interior das folias, a bandeira é respeitada e reverenciada, com beijos e esmolos amarradas em suas fitas. Desse modo, quem a conduz possui um diferencial diante dos demais foliões.

Sobre a condução da bandeira na comunidade, A.F.M. afirmou que há duas formas de chamar o responsável por carregar a bandeira: *encarregado* ou *alfere*. Nas palavras do entrevistado: “o responsável pela folia chama encarregado. O encarregado só faz conduzir a bandêra; uns chama de alferes, outros chama de encarregado, mas é alferes. Na entrevista com V.M.S., houve uma intervenção da esposa: ao ser questionado, afirmou que é o responsável pela condução da bandeira e encarregado, depois, com a interferência da fala, afirmou que o condutor é chamado de alferes, e que tem “a função de fazer a vena pro morador e pro imperador quando chega”.

J.B. diz que o responsável pela condução da bandeira é o *alfere*, que “leva a bandeira na frente, o fulião tem tudo respeito que carrega a tem que aceitar tudo o que encarregado falar na hora da mesa, na hora do jantar, de nois chegarmos numa casa para cantar”. Da mesma forma, J.J.A. indica que o responsável é conhecido como *alfere da bandeira*. É o chefe do grupo em geral, o encarregado de cuidar de tudo. Igualmente, A.C.A. afirmou ainda que a figura do alferes deve ser respeitada e referenciada: “todo fulião tem que respeitar”, referindo-se a sua função e sua posição na folia no decorrer dos giros.

As falas dos entrevistados deixam margem para pensarmos que há duas formas de chamar a pessoa que conduz a bandeira: *encarregado da bandeira* e *alferes da bandeira*, como pontua Messias:

[...] um dos agentes que compõem as folias, detentor de grande prestígio, é o alferes, conhecido também como encarregado e responsável pelo bom andamento e pelas boas relações entre o grupo. Em uma etapa anterior ao giro, tem como obrigação fazer a escolha e/ou negociar os locais, residências onde haverá pouso ao grupo de foliões. A partir do momento em que se inicia o giro da folia, o alferes constitui-se no guardião da bandeira do Divino, que conduz os foliões durante o período de giro. Ou seja, durante toda a trajetória pelo sertão é o alferes que carrega a bandeira à frente do grupo de foliões [...]. (MESSIAS, 2010, p. 141).

De acordo com Houaiss (2009) e Michaelis (2021), a palavra *alferes* é procedente do árabe *al-faris*: cavaleiro, escudeiro e pode designar um antigo posto militar abaixo de tenente, o termo antigo refere-se à função de porta-bandeira, enquanto expressão de uso popular, é a pessoa escolhida pelos festeiros para conduzir a bandeira do Divino, que sai de porta em porta arrecadando donativos para as festividades. Notamos que a etimologia de alferes remete ainda ao português europeu, cujo termo procede da presença árabe na península Ibérica, sendo mais tarde trazido ao Brasil-colônia a partir dos elementos ligados à festividade de tradição portuguesa (ABREU; AGUILERA, 2010).

Qual o nome da corda que afina a caixa da folia?

Para a caixa de folia, os membros da comunidade utilizam uma corda de violão no fundo da caixa, que de acordo com A.F.M. é chamada de *resposta*. Essa corda vibra quando a caixa é tocada, por isso o nome *resposta*, de acordo com A.F.M. Já o depoente V.M.S. afirmou que não há um nome específico, apenas *corda de viola*.

Os demais, citam *burdão* e o indicam como: “corda mais grossa da viola que se coloca no fundo da caixa” (J.J.A). A.C.A. informou que o *burdão* é corda do violão mais grossa que tem,

corda que é bem esticada e colocada no fundo da caixa com pele de animal. A afinação se dá pelo aquecimento da membrana (couro), e utiliza os “cambito para bater”.

O termo bordão, de acordo com Houaiss (2009) refere-se à corda grossa que emite som grave, a corda mais grave de alguns instrumentos de cordas dedilhadas, em contato com a membrana inferior de alguns tambores que produz som grave e contínuo.

Interessante ressaltar o estudo realizado por Wilson Rogério dos Santos (et. al., 2020), sobre musicalidade e tradição na Folia de Reis na Comunidade Quilombola do Mimoso, em Arraias - TO, que a mesma corda recebe outra nomenclatura na região de estudo, chamada de *açoitadeira*:

Um detalhe importante é uma corda fina (chamada de *açoitadeira*) que é colocada na parte de baixo do instrumento, no couro do fundo. Assim, quando a caixa é tocada, há uma pequena vibração, devido ao contato da corda com o couro, criando o som característico do instrumento. Para sua execução, são utilizadas duas baquetas feitas de madeira. (SANTOS, p. 650).

As informações coletadas, confrontadas com outras fontes, mostram a presença de variações entre os vocábulos de acordo com a localidade, com os mesmos usos dos instrumentos.

Como são chamadas as tampinhas de garrafas colocadas no pandeiro?

Ao ser questionado sobre o nome dado às tampinhas utilizadas no pandeiro, A.F.M. afirmou: “aqui nós chamamos de chengo, que é feito de moeda. De primêro a gente botava tampa de garrafa; aí agora num tem mais, bota moeda mesmo. É *chengo*”. Da mesma forma, V. M. S. afirmou que conhece pela nomenclatura de *chechengo*.

A.C.A. no seu depoimento afirma que conhece como “chenchengo usa tampa de centenaro as ruleguinha de caça jeito de furar ele com o prego passa a mão assim pra cima ela fazi o chenchengo”. A sua fala explica o modo de produção das platinelas, com uso de tampas metálicas de garrafas, com furo no meio para serem afixadas no pandeiro.

A imagem abaixo mostra o pandeiro, instrumento presente no interior das folias e nos momentos festivos que ocorrem por ocasião dos pousos de folias. Os pandeiros são produzidos com aro de madeira e membrana de couro de animal. Na imagem, é possível identificar o chengo (ou chechengo), espécie de platinelas feita a partir de tampas de garrafas metálicas.

Figura 2 - chego ou chechengo



Fonte: Diomar Rosa, revista fênix, 2021

Qual o nome dado ao movimento feito com a bandeira sobre as pessoas, imagens, cruzeiro?

Para os informantes o nome do movimento é intitulado como *vena*. J.B. apontou que “fazê a vena abençoa o povo, faz a vena agradecer que o encarregado faz a agradecer abençoando as pessoas dar a benção quando nos chega e nós somos folião 12 mensageiro que acompanha a divindade”.

Houve unanimidade nas respostas, incrementando que as venas são realizadas com o intuito de abençoar, tanto pessoas quanto locais por onde a bandeira é conduzida.

De acordo com J.J. A., o encarregado da bandeira “faz a vena”, complementando com depoimento de A.C.A., a vena é “o movimento que abençoa a pessoa que está na festa e depois a bandeira fica na casa até ano que aí nós buscamos a bandeira para começar a festa”. Dessa maneira, a vena faz parte dos rituais de benzeção, realizada com movimentos da bandeira sobre os devotos. Como aponta o depoimento de A.C.A, após o fim da festa a bandeira é guardada para ser utilizada no ano seguinte.

De acordo com o Dicionário Michaelis (2021) , o substantivo feminino *vênia* refere-se ao ato ao efeito de conceder permissão ou licença; a palavra pode ser empregada no sentido de reverência, uma inclinação da cabeça que é feita para saudar alguém. No contexto religioso, a palavra consiste em movimentos compassados, em giros de um lado para outro,

conforme pontua Messias (2010, p. 141). A cada movimento realizado sobre os devotos, eles fazem o sinal da cruz sobre o corpo, a fim de receber as bênçãos dadas pelos foliões.

Figura 3 - Folias de Cangas em Natividade



Fonte: Prefeitura de Porto Nacional,2021.

Como é chamado o encarregado pelo cuidado dos cavalos e tralhas dos foliões?

“Os *arriêro* que guarda a caixa, a viola e os pandêro”, afirmou V.M.S ao ser questionado. Já A.F.M. informa que são conhecidos como *arriêros*, bagageiros, mas a palavra mais utilizada é *arriêro*. J.B. afirmou que são chamados de *arriêros*, e têm a função de carregar a tropa, tocar a tropa e carregar a comida. Assim, A.C.A. afirmou que “os *arriêros* são os responsáveis pela tropa que leva a comida e cuida dos cavalos de todos”.

De acordo com o Dicionário Houaiss (2009), o termo *arreeiros* refere-se a guia de cavalgaduras ou de animais de carga, encarregado também de agrupar o tropeiro, o que corresponde às funções desempenhadas no interior das folias de Cangas e de outras localidades do Tocantins.

No estudo acerca da Folia do Divino em Monte do Carmo e Natividade, Messias (2010, p. 132) identificou nas folias a existência de quatro arreeiros: três tangedores, que lidam com os animais, selagem, monte e desmonte das tralhas; um arrieiro chefe que é o responsável pela coordenação das roupas dos foliões, dos alimentos, da carga levada no decorrer do giro da folia. São os responsáveis por toda a bagagem levada pelas folias, assim como pelas esmolas e doações recebidas. Nas entrevistas realizadas na comunidade Cangas, não foram fornecidas informações acerca da presença de mais arreeiros na composição da festividade.

Como se chama a passagem da folia de casa em casa?

A passagem da folia de casa em casa é conhecida como giro, quando os foliões saem girando e andando. Para essa questão, ambos os entrevistados forneceram a mesma informação: giro. A fala de V.M.S., que o giro “tem a função de recolher as coisas para levar pro Imperador”, referindo-se às doações recebidas ao longo dos dias de giro. J.B afirmou que a passagem ocorreu “girando, passando de casa em casa cantando e girando”.

Na entrevista coletada de J.J.A. a passagem da folia é chamada de *giro da folia*, “é o Divino Espírito Santo entrando em casa em casa, aquele canto de morada a cada morador que espera um para a chegada do Espírito Santo para levar aquela mensagem tão linda ao morador”. Ressaltamos que o momento do giro possui toda uma simbologia, significados para os foliões e para os moradores que acolhem a passagem da folia, representando a bênção divina nos lares.

Messias (2010, p. 111) ressalta que o giro é o nome dado ao percurso que os foliões realizam desde a saída da folia até seu retorno. De acordo com Michaelis (2021), o termo *giro*⁹ refere-se ao movimento circular realizado em torno de um centro, refere-se à circulação, volta, torno. Daí o sentido do emprego da palavra no interior das folias, que circulam em torno da zona rural e urbana, dando uma volta e retornando ao local da saída.

Qual o nome do instrumentista que toca a caixa de folia?

Sobre o nome do instrumentista que conduz a caixa de folia, V.M.S. afirmou que é conhecido na região como caxêro. J.B. informou que “a caixa é um símbolo que vai levando a notícia, anuncia a chegada onde nois passa”. J.J.A. informou que são “os caixêro que usam os cambitos que bate na caixa que faz a zuada”.

De acordo com Michaelis, a palavra *caixeiro*¹⁰ pode ser empregada para referir-se ao operário que produz caixas, pode ser ainda utilizada como sinônimo de balconista ou mesmo referir-se ao vendedor ambulante que entrega os produtos nos domicílios. No contexto das folias, a palavra é marcada por outro sentido, referindo-se ao encarregado pela condução da caixa. Nos estudos realizados por Messias, é reforçada a função da caixa:

⁹ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=giro> Acesso em: 02 ago. 2020.

¹⁰ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=caixeiro> Acesso em 01 ago. 2020.

[...] é o instrumento que anuncia a chegada da folia, pois é mediante o som da caixa que os moradores identificam a proximidade da folia. Observa-se que para ele a caixa marca a temporalidade durante o giro, visto que ela anuncia momentos importantes e também marca o ritmo dos cantos [...]. (MESSIAS, 2010, p. 136).

As imagens a seguir apresentam o instrumento *caixa*, bem como o seu percussionista: o caixeiro. Nas folias, o rufar da caixa é o que anuncia a sua proximidade, sua chegada nos locais marcados.

Figura 4: Folias de Cangas em Natividade e caixa de folia e caixeiro



Fonte: Diomar Rosa, 2021.

É possível identificar nas imagens os materiais utilizados para a confecção da caixa, elaborada a partir de madeira e de couro de animal, a presença das baquetas, utilizadas pelo percussionista, conhecido na localidade como caixeiro, responsável por anunciar a chegada da folia, ou mesmo os momentos de reunião, refeição ou mesmo a saída da folia.

Qual o nome da dança que acontece durante a visita nas casas das pessoas que recebem a folia?

Ao ser questionado sobre o nome da dança, ocorrida por ocasião da passagem das folias, A.F.M. afirmou que ocorre a roda de catira e a susa. A dança, como afirmou o entrevistado J.J.A., ocorre mais por ocasião dos pousos de folia, mas ainda ocorrem rodas de catiras, conforme os depoimentos colhidos. J.J.A. afirmou que “a dança da sussa, ela realmente acompanha a noite, não o dia, que é depois do bendito, das rodas das noites que é apresentação a alegria aos moradores daqueles lugar que dá o pouso da folia”. O mesmo entrevistado contribuiu ainda ao elucidar que pode ser chamada de roda e catira:

Roda, catira. Primeiro o canto depois vem esses daí. Quando é pouso, sempre nós usamos sussa, tambor. A sussa tem um tambor que toca ela, ela é uma dança bem caipira. Os cavalêros conduz as dama; assim, um de lá e ôtro de cá. Ela tem aquele caxingado ali que eles vão dançando. Ela é bem caipira.

O significado de súaia (gráfica padrão) é polimórfico, podendo ser utilizado em vários sentidos, conforme pontua Messias, (2012, p. 94), “pode ser uma festa, uma folia, uma farra, uma modalidade de dança sensual, um samba sincopado caboclo [...] uma síntese entre tradições sertanejas, caboclas, indígenas e africanas.” Tal como os possíveis significados, a palavra possui ainda diversas grafias: súaia, sussa, súa..

Figura 5 : Dançarinos de sussa



Fonte: Prefeitura de Porto Nacional, 2021

A sussa é parte integrante das folias, com presença marcante não somente em Cangas, mas em outras localidades do Tocantins, como Monte do Carmo, Porto Nacional, Natividade, Silvanópolis, Almas, Paranã, entre outras. Está diretamente relacionada com as heranças ancestrais, herdadas do período escravista. Representa os momentos de alegria e de interação entre os foliões e a comunidade, com danças, movimentos circulares, tocar de tambores e pandeiros, retrata o momento de celebração entre os presentes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo apresentar algumas variações lexicais na comunidade de Cangas (TO), sobretudo em relação à Folia, procurando relacionar os valores culturais e sociais que a linguagem nos proporciona, pois, essas relações tornam-se base para a comunicação dos seres humanos.

Vale ressaltar que nenhuma língua é inferior ou primitiva, mesmo considerando o certo e o errado, já que falar diferente acaba sendo algo tão cruel para aqueles que fazem uso da mesma língua, mas só em posição social financeira superior ou inferior.

As diversidades lexicais serão encontradas em várias regiões de nosso estado e país, sendo possível perceber a evolução constante da língua que acaba nos oferecendo cada vez mais uma forma de comunicar essas variações; traz consigo os valores culturais que cada sociedade possui, mesmo com tanta luta e resistência, esses valores são apresentados socialmente, formando novos valores sociais e culturais.

Desse modo, a pesquisa teve como resultado a constatação de que ocorrem variações entre os léxicos no interior das folias, configurando como heranças que foram deixadas pelos antepassados dos membros da comunidade. Da mesma forma, identificou-se ainda que existe um certo padrão na forma de referir-se a momentos específicos que ocorrem no interior das folias, como pouso, responsáveis pelo toque da caixa da folia, danças ocorridas na ocasião do pouso.

Por fim, a pesquisa procurou ainda valorizar as práticas culturais presentes no interior das folias, dando visibilidade à comunidade e sua trajetória cultural, linguística, uma vez que a vida interiorana proporciona o contato mais próximo com os mais velhos, fornecendo aos ouvintes um pouco da memória e das tradições aprendidas e que são transmitidas por meio da oralidade.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maria Yussef; AGUILERA, Vanderci de Andrade. A influência da língua árabe no português brasileiro: a contribuição dos escravos africanos e da imigração libanesa. *Entretextos*, v. 10, p. 5-29, jul./dez. 2010. Disponível em: <www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/download/7963/6948>. Acesso em 08 set. 2021.

ABREU, Martha. *O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999

ALVES, Nazareth Gomes. *Elos Perdidos. Monte do Carmo - TO*, 2009.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *A geografia linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

BRASIL. DECRETO Nº 6.040, DE 7 DE FEVEREIRO DE 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm Acesso em 16 jul. 2021.

BRASIL. Relatório de Atividades da SEPPIR - Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Brasília, 2005. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/igualdade-racial/relatorio-de-atividades-2005-seppir> Acesso em 16 jul. 2021.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CARDOSO, Suzana. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A Dialectologia no Brasil: perspectivas. *Revista Delta*, vol.15, p. 233-255, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/3KKq3KvDBF9GgsyrcbBP8bt/?lang=pt#> Acesso em 27 jul. 2021.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1988.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1978.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. *A dialectologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, Juvenal Lúcio. *A história de Santa Rosa do Tocantins*. Santa Rosa do Tocantins: s/ed., 2004.

JESUS, Weverson Cardoso de. Fé e devoção no culto à Nossa Senhora do Rosário e ao Divino Espírito Santo na Festa da Sucupira - TO (Dissertação). Universidade Federal do Goiás, 2017.

Disponível em:

<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/7050/5/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20-%20Weverson%20Cardoso%20de%20Jesus%20-%202017.pdf> Acesso em 14 jul. 2021.

MESSIAS, Noeci. Carvalho. Religiosidade e devoção: As festas do Divino e do Rosário em Monte do Carmo e em Natividade – TO. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Goiás, Goiânia - GO, 2010.

NASCIMENTO, Géssika Elesbão. Designações para sutiã, calcinha e cueca por falantes da cidade de Mutuípe: perspectiva dialetológica. (Trabalho de Conclusão de Curso). Amargosa: UFRB, 2016.

Disponível em:

<http://www.repositoriodigital.ufrb.edu.br/bitstream/123456789/1069/1/TCC%20IMPRESS%c3%83O%201.pdf> Acesso em 03 jul. 2021.

PALACÍN, Luis & Moraes, Maria Augusta Sant'Anna. História de Goiás. Goiânia: UCG, 1989.

PARANÁ. Secretaria de Justiça. Disponível em: <https://www.justica.pr.gov.br/Pagina/Povos-e-Comunidades-Tradicionais> Acesso em 16 jul. 2021.

SANTOS, Wilson Rogério dos; SANTOS, Ana Roseli Paes dos; ARAÚJO, Dinomar Rosa. Música e tradição: trajetória da Folia de Reis na Comunidade Quilombola do Mimoso. Revista de História e Estudos Culturais, v.17, n.2, p.642-665, jul./dez., 2020. Disponível em:

<https://www.revistafenix.pro.br/article/download> Acesso em 02 ago. 2021.

TOCANTINS, Agência de Desenvolvimento do Turismo, Cultura e Economia Criativa do Estado do Tocantins. Comunidades quilombolas. Disponível em:

<https://www.to.gov.br/adetuc/comunidades-quilombolas/6njfrsueivpa> Acesso em 25 jul. 2021.